

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO LATO-SENSU EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**REFLEXÕES ACERCA DOS CONVÍVIOS SOCIAIS  
NA ESCOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**Maribel Godoi Elias**

**Tio Hugo, RS, Brasil  
2009**

# **REFLEXÕES ACERCA DOS CONVÍVIOS SOCIAIS NA ESCOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

**por**

**Maribel Godoi Elias**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional, da Universidade  
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção  
do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**Orientador: Ms. Mariglei Severo Maraschin**

**Tio Hugo, RS, Brasil  
2009**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**REFLEXÕES ACERCA DOS CONVÍVIOS SOCIAIS NA  
ESCOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

elaborada por  
**Maribel Godoi Elias**

como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Escolar**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Mariglei Severo Maraschin, Ms.**  
(Presidente/Orientador)

**Claudio Emelson Guimarães Dutra, Ms. (UFSM)**

**Vantoir Roberto Brancher, Ms. (UFSM)**

Santa Maria, 08 de agosto de 2009.

## **RESUMO**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **REFLEXÕES ACERCA DOS CONVÍVIOS SOCIAIS NA ESCOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

AUTORA: MARIBEL GODOI ELIAS

ORIENTADOR: MS. MARIGLEI SEVERO MARASCHIN

Tio Hugo/RS, 08 de agosto de 2009.

O presente relato monográfico tem por objetivo refletir sobre como estão acontecendo os convívios sociais na escola, tendo como objetivo aprofundar teoricamente o estudo sobre o papel da escola e da família na formação do aluno, considerando que o homem é um ser que vive em permanente processo de interação com o mundo. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, através de seleção de autores que abordaram sobre o tema escolhido, leitura das obras, seleção de idéias e desenvolvimento do trabalho. Os resultados apontaram que se faz necessário um repensar urgente por parte dos sujeitos da educação, visto que, nossa sociedade não mais permite exclusões sociais de uma educação que está neste contexto, justamente para humanizar, incluir e proporcionar oportunidades de boa convivência e formação. O estudo mostrou ainda que há uma necessidade muito grande de mudança de postura dos gestores e educadores para a construção de uma escola humanizadora.

Palavra-chave: Educação. Convívios. Relações.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **REFLECTIONS ON THE SOCIAL FELLOWSHIP IN SCHOOL: A REVIEW OF LITERATURE**

AUTORA: MARIBEL GODOI ELIAS  
ORIENTADOR: MS. MARIGLEI SEVERO MARASCHIN  
Tio Hugo/RS, 08 de agosto de 2009.

This monographic the school report aims to reflect on how the social meetings are happening in with the aim of deepening the theoretical study on the role school and family in the formation of the student, considering that man is a being who lives in permanent process of interaction with the world. For this, it was performed a literature research of qualitative character through the selection of authors who address the theme, reading of works, selection of ideas and development of work. The results indicated that a rethinking is needed urgently by the subjects of education, since our society no longer allows social exclusion of a education that is in this context, justly to humanize, include and give opportunities for good living and training. The study also showed that there is a very strong need for change in the attitude of managers and educators to build a school humanizing.

Key Word : Education. Meetings. Relations.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	08
<b>2.1 A função social da escola</b> .....	08
<b>2.2 Contexto familiar e escolar na sociedade atual</b> .....	10
<b>2.3 A falta de limites no relacionamento familiar e na sociedade</b> .....	12
<b>2.4 Contradições na relação pedagógica</b> .....	21
2.4.1 Relações entre alunos e professores sob o olhar da pedagogia. ....	25
2.4.2 Relações conflitivas de relacionamento na escola .....	27
2.4.3 Disciplina X Indisciplina: aliadas/inimigas na aprendizagem .....	29
2.4.4 O adolescente e seu relacionamento com as novas tecnologias .....	32
<b>2.5 A Construção de uma Escola Humanizadora</b> .....	34
2.5.1 Mudança de postura do educador .....	35
2.5.2 O papel da gestão na construção de uma escola humanizadora .....	38
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	41
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45



## 1 INTRODUÇÃO

No atual contexto educacional, muitas discussões vêm ocorrendo entre gestores escolares, educadores e família em relação aos problemas de convívios sociais na escola. A questão exige uma reflexão mais profunda, ultrapassando os limites da superficialidade.

A definição do tema justifica-se pela constatação das dificuldades enfrentadas nas escolas referentes aos seus convívios sociais, quer seja entre aluno/aluno, aluno/professor, professores/pais ou pais/direção. Percebe-se que as crianças demonstram problemas sérios de relacionamentos, como falta de limites, de valores, indisciplina, desinteresse, agressividade, entre outros. Questiona-se então: Que interferências o contexto familiar exerce na relação professor-aluno na escola atual? Há uma relação entre a escola e a família na formação das crianças e adolescentes? Será possível construir uma escola mais cidadã, mais humanizadora? Qual o papel dos gestores escolares na educação transformadora?

Para a busca destas respostas, será utilizado como referencial teórico os seguintes autores: ARROYO (2000/2004), ENGUITA (2004), SAVIANI (1991), RIBEIRO (1984), FREIRE (1986/1998), TIBA (2003), BRANDÃO (1993).

A pesquisa será bibliográfica e de caráter qualitativo, tendo como objetivo aprofundar teoricamente o estudo sobre o papel da escola e da família na formação do aluno, considerando que o homem é um ser que vive em permanente processo de interação com o mundo.

O trabalho será estruturado em capítulos, iniciando com uma abordagem sobre a função social da escola e o contexto familiar e escolar na sociedade atual. Serão abordadas também as contradições na relação pedagógica e conflitos de relacionamento, disciplina e indisciplina, falta de limites no relacionamento familiar e, por fim a construção de uma escola humanizadora através da gestão democrática.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A função social da escola

O ser humano pode ser considerado “arquiteto de si mesmo”. Na construção de sua existência, o conhecimento é via de transformação e é inerente à atividade humana. Nesta perspectiva, a escola se apresenta como a única instituição que trabalha com o conhecimento sistematizado. Para melhor compreender a função social da escola, façamos uma retrospectiva desta caminhada. Assim, se torna oportuna à contribuição de Ribeiro (1984), “[...] a educação escolar pública é algo que se desenvolve propriamente no século XVIII e XIX, mas tem seus germens dois séculos antes nos países protestantes”. Desde alguns séculos atrás, sempre foi grande a luta da classe dominada por uma educação pública, gratuita e de boa qualidade. Daquela escola religiosa e privilégio da aristocracia até os nossos dias, travou-se um longo percurso de lutas das classes menos favorecidas. Após uma série de reformas, durante o século XIX, a escola começa a mudar. Como afirma Ribeiro (1984, p. 24):

[...] a escola, que vai sendo transformada no bojo do processo de constituição e consolidação da sociedade burguesa, deixa de ser prioritariamente particular para tornar-se *pública*, deixa de ser prioritariamente religiosa para ser *leiga* e mais, não pode ser restrita, tem que ser *universalizada*, como era defendido em todos os discursos pedagógico feito nos momentos revolucionário.

Sendo assim, tanto a pressão exercida de fora para dentro da escola, através da classe operária organizada, quanto à pressão exercida de dentro para fora pelos educadores e educandos foram promovendo as alterações necessárias e possíveis na estrutura escolar e também, a sua transformação. CAMBI (1999, p. 628) fala dos desafios da escola de hoje:

A escola contemporânea parece assim dividida por esses quatro aspectos problemáticos que, no curso dos decênios, entrelaçaram-se e acentuaram-se de maneira variada, mas também marcharam juntos para dar á escola o perfil complexo que lhe é próprio nas sociedades industriais avançadas e democráticas e para manter abertos aqueles problemas de estrutura (e antinômicos, contraditórios) que ainda hoje a atravessam: a oposição entre

escola de massa e escola de elite, entre escola de todos e escola seletiva; a oposição entre escola de cultura (desinteressada) e escola profissionalizante (orientada para um objetivo); a oposição entre escola livre (caracterizada pela liberdade de ensino, como quer uma instância de verdadeira cultura na escola) e escola conformativa (a papéis sociais, a papéis produtivos). São, justamente, problemas abertos, que ainda caracterizarão por muito tempo a escola nos decênios vindouros (é previsível), e que devem ser enfrentados sem exclusivismos e sem fechamentos, com a nítida consciência de que a escola contemporânea é, ainda, uma escola em transformação, que procura dar resposta a situações sociais, culturais e de mercado de trabalho profundamente novas, e em contínuo devenir.

Considerando todos estes desafios da escola e que, a educação não se reduz ao ensino e sendo a escola uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado, então esta deverá trabalhar com o conhecimento elaborado e não com conhecimento espontâneo, com o saber sistematizado e não fragmentado, com a cultura erudita e não com a cultura popular. E é pela mediação da escola que se dá à passagem dos saberes. Segundo Saviani (1991, p. 23):

[...] para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação. Isso implica dosá-lo e seqüenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não-domínio ao seu domínio. Ora, o saber dosado e seqüenciado para efeitos de sua transmissão-assimilação no espaço escolar, ao longo de um tempo determinado, é o que nós convencionamos chamar de “saber escolar”.

É preciso considerar que em tudo o que fizemos, mesmo que mecanicamente, existe um mínimo de atividade intelectual. Da mesma forma, não existe atividade puramente manual, nem puramente intelectual, ou seja, não existe atividade humana puramente prática ou teórica. Para que a ação pedagógica se concretize é necessário o comprometimento tanto do educador, quanto do educando, na realidade em que a ação se desenvolve.

De acordo com Arroyo (2000, p.64):

Essa matéria somente se aprende em um clima humano, em interações humanas, quando nos revelamos como humanos, quando os educandos convivem com seus semelhantes e diversos. [...] o clima escolar burocrático, normatizado, a organização disciplinar e gradeada nos levam a representar apenas nosso papel de transmissores, se possível competentes. Negamos a possibilidade de dar o salto para uma relação

pedagógica, fazer de nossa prática uma relação, interação entre gerações. Revelar-nos.

Dessa forma questiona-se, como é possível abandonar antigas práticas e construir uma escola mais humana? Arroyo (2000, p.65) defende que, somente em um clima humano nos tornamos humanos. Falo em clima, não penso em grandes mudanças. O que fazemos cada dia pode ser mais humano, desde a enturmação à avaliação, desde os banheiros às salas de aula. As relações podem ser menos burocratizadas e frias.

## **2.2 Contexto familiar e escolar na sociedade atual**

Pensar educação, hoje, nos primórdios do século XXI sem considerar as interferências que o contexto familiar exerce na relação pedagógica é praticamente impossível. Igualmente, é preciso considerar e compreender que os problemas sociais têm interferido nos problemas de aprendizagem.

Saviani (1991) discute com supremacia esta questão. Ele caracteriza as posições fundamentais ligadas aos problemas sociais e problemas de aprendizagem. Numa primeira posição, o autor afirma que “há problemas sociais que demandam soluções educacionais”, como por exemplo, o problema do analfabetismo. Este, considerado um problema social, no qual se aciona a educação para buscar a solução. Sabe-se que a pedagogia tradicional muito contribuiu nesta questão.

Nesta perspectiva, não podemos considerar apenas as aparências no modo como funciona a sociedade hoje. É imprescindível compreender as leis que regem a sociedade. Precisamos ultrapassar a superficialidade e chegar a uma visão crítica de sociedade.

A escola tem empenhado um precioso tempo preocupado com as questões familiares e sociais, esquecendo de sua função principal, que é o de trabalhar o intelectual, o conhecimento. Às vezes, tem-se a impressão que estamos numa legítima inversão de papéis.

Vivenciamos, no cotidiano, casos de violência, agressividade, indisciplina, falta de limites e de valores nas escolas, no que se refere a convívios escolares, bem como índices alarmantes de professores com problemas de estresse, depressão, desequilíbrio emocional, etc.

Esta questão é realmente preocupante, visto que o conhecimento médico e psiquiátrico foi tão grande, e nunca as pessoas tiveram tantos transtornos emocionais e tantas doenças psicossomáticas.

Considerando os avanços tecnológicos, cada vez mais o professor precisa se adaptar às mudanças, buscando realizar uma formação permanente, inovando suas práticas, oportunizando ao aluno aprender a aprender. Sendo este um agente transformador do processo e não apenas um figurante de um universo marcado pelo avanço desenfreado de novas tecnologias e também, inusitadas circunstâncias que se apresentam cotidianamente. Além do mais, o professor atualmente, convive com pais de nível acadêmico igual ou superior ao seu e que muitas vezes chegam a questionar a capacidade e desempenho do professor.

Se hoje a clientela da escola é mais diversificada é porque a sociedade se apresenta mais diversificada. Os alunos surgem de realidades desiguais, de culturas variadas, de diferentes classes sociais. E não somente, rendem em diferentes tempos. A instituição “escola” precisa estar atenta, vigilante permanentemente, visto que, as crianças e os jovens de hoje buscam viver intensamente.

Além disso, também desapareceram as pequenas comunidades, em que geralmente todos se conheciam. Temos hoje, que conviver com a realidade das grandes cidades, onde ninguém conhece ninguém e que em função dos altos índices de violências, muitas crianças ficam confinadas dentro de casas e apartamentos.

A criança ao chegar à escola, já experimentou amplamente a influência educacional da primeira unidade educadora que é a família, primeiro ambiente de aprendizagem. É papel também da família, proporcionar momentos de socialização para a criança, para que mais tarde possa conviver em sociedade.

Mesmo os professores não concordando com a “transferência” de responsabilidade por parte da família à escola, o problema existe, e é muito mais sério que se possa imaginar.

De acordo com Enguita (2004, p.65):

Lamentar-se por tal deslocamento das funções de custódia das crianças para a escola é um absurdo. Se os pais tivessem mais tempo para estar com seus filhos a todo o momento, muitos deles poderiam simplesmente dispensar a instituição e os que trabalham nela. Não é tanta nem tão óbvia a superioridade dos professores em relação às famílias quando se trata da educação infantil e fundamental.

Neste processo é fundamental que se busque conhecer a história de vida da criança, o seu entorno, levando-se em consideração o seu conhecimento prévio, sua vivência cultural, familiar e social. Não podemos ignorar que o aluno é um todo e que a escola não pode pretender ocupar-se apenas de uma parte.

Conhecer a realidade do aluno é ir além do que nosso olhar indagador pode ver. Segundo Arroyo (2004) “somos profissionais do conhecimento, inclusive do conhecimento dos educandos, dos sentidos e sem-sentidos de suas trajetórias. Não é suficiente sermos expertos nos saberes de nossas áreas e sermos ignorantes dos significados sociais, humanos de suas vidas”.

À escola, cabe também a função de procurar estabelecer relação com a comunidade, através do diálogo, do comprometimento, estabelecendo com esta, uma linha comum de ação. Certamente, abre-se assim, a possibilidade de construir uma educação mais humana.

### **2.3 A falta de limites no relacionamento familiar e na sociedade**

Ao nascer, a criança passa a fazer parte de determinadas culturas e, à medida que cresce, vai aprendendo os valores e as regras específicas de cada comunidade. Os valores e as crenças sobre o desenvolvimento infantil variam, também, de família para família: cada família tem sua fórmula de educar e passar seus valores para as crianças. Com relação aos limites isso também acontece.

Desde o nascimento, a criança passa a fazer parte dos costumes e da rotina daquela família.

Desde bebê a criança já está sendo trabalhada com relação aos limites e as regras do seu meio social. Uma organização da rotina da criança a educa sobre os momentos em que ela pode ou não fazer uma coisa ou outra. A organização do tempo e do espaço físico da criança lhe permite entender os limites e desenvolver autonomia, aprendendo a agir no mundo de forma a encontrar o equilíbrio entre o que ela quer fazer e as regras sociais, dependendo é claro de sua faixa etária. É importante que a criança receba o limite de acordo com a sua idade. À medida que a criança se desenvolve, aumenta sua capacidade de aprender quais são as conseqüências do que ela faz.

A falta de limites é um problema que vem inquietando pais, educadores e a sociedade como um todo. Muitas vezes parece fácil falar em limites, mas na prática é muito mais complexo do que se imagina. Os limites são construídos na relação e são fundamentais para que a criança perceba qual o seu valor no mundo. A criança precisa ter clareza de quais são os limites que ela precisa vencer para se desenvolver e quais os limites que ela precisa obedecer para igualmente se desenvolver. E as crianças por si só não têm esta percepção: é a família, são os adultos que habitam o mundo que o dão e é importante que ela compreenda que ela não é centro do universo. O mundo não existe somente para lhe dar prazer. Mas ela tem que aprender a se relacionar.

A criança não tem noção de valores, não sabe o que é certo ou errado, cabe aos pais ir mostrando aos filhos, em todas as ocasiões, mas especialmente pelo seu próprio modo de ser e viver, o que se pode e o que não se pode fazer numa sociedade. (ZAGURI, 2003, p.35)

A criança inicialmente precisa mais dos pais, dos limites, do que numa fase mais adulta. Quanto mais ela vai recebendo estas informações, essa forma de pensar, mais ela não vai precisar disso, porque ela vai começar a pensar sozinha. Quanto mais tarde ela tiver essa orientação, mais intensamente ela vai precisar que o adulto lhe dê os limites. Se o adulto atender a criança desde pequena, se for dando a ela as formas de pensar, base de raciocínio para que ela possa entender o

mundo, mais cedo ela vai poder pensar sozinha e menos vai precisar de limites e estas explicações para a criança, mais ela vai precisar, porque mais difícil vai ser ela assimilar esta lógica do outro, da convivência.

Tanto pais como filhos se confundem ao falar de liberdade: ambos, muitas vezes, trocam os conceitos de liberdade com permissividade. Há uma grande diferença entre estas palavras. Liberdade implica em escolher. E toda escolha envolve uma decisão. Escolher significa dizer não a um (ou mais de uma) opção, isto é haverá um caminho que deixará de ser trilhado em detrimento de outro. Por isso a liberdade engloba o limite.

Quanto menor a criança, mais ela admira seus pais. Na verdade, não lhe resta alternativa; ela precisa acreditar em sua perfeição para sentir-se protegida. Em que outra imagem pode basear sua formação senão na das pessoas que agem como pais para elas? Quem mais lhe é tão próximo e importante?

À medida que a criança cresce, já não admirará seus pais com a mesma ingenuidade; entre o círculo cada vez mais amplo de suas relações, eles começarão a parecer menos perfeitos. “As crianças aprendem a comportar-se na sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio da experimentação e da invenção” (TIBA, 2003, p.15).

Educadores e psicólogos enumeram uma série de regras e “porquês” do que se deve e não fazer com uma criança para transmitir-lhes tais “limites”

Muitos pais se preocupam, com razão, com a melhor maneira de disciplinar seus filhos, como lhes dar o senso de responsabilidade e ensiná-los a ter limites e ser disciplinados em suas ações e reações. Preocupar-se com isso é muito compreensível dada a falta de disciplina da sociedade, particularmente entre os jovens.

Tem-se observado, hoje, no conjunto da sociedade, uma crise de objetivos, e conseqüentemente, uma crise de limites. Ninguém sabe direito para onde o mundo está indo, há muitas dúvidas sobre o que é certo e o que é errado, os valores estão invertidos.

Existe, também, por parte dos pais modernos, uma espécie de medo em dizer “não” quando se faz necessário. O que se tornou uma palavra tão cheia de sentidos contraditórios, que o fato de negar alguma coisa deixa nos pais um sentimento de culpa, por não realizar todos os desejos de seus filhos. Em contrapartida, nossa experiência mostra que o ser humano vai encontrar situações na vida que não poderão se concretizar, por isso, os pais devem ter a sensatez na hora de conversar, usando o bom senso, tanto para consentir como para negar.

É na família que se encontra um elemento fundamental, chamado afetividade, que faz com que as pessoas estejam mais ligadas entre si e com as outras, sendo assim, as frustrações, as carências e as revoltas providas do ambiente familiar dificilmente podem ser eliminadas ou compensadas pela atuação da escola.

Nós, adultos ficamos desconfortáveis quando pensamos em disciplina. Se, segundo o Aurélio (1995), disciplina é “Ensino, instrução, educação”, por que ficamos desconfortáveis? Se, médicos, advogados, empresários jornalistas, precisam de disciplina, se ela é organizadora de nossas rotinas, de nossa personalidade, necessária ao nosso cérebro, por que o mal-estar?

Imposto pela sociedade e pela cultura, através de normas e regras, tanto implícitas como explícitas. Limite é saber até onde se pode ir, é saber o que se deve ou não fazer. E isso deveria ser aprendido na família.

O tema disciplina-indisciplina tem norteado muitas discussões, estudos acadêmicos, sendo uma permanente e louvável preocupação. Porém ela nos remete a questão dos limites e não queremos limites. Talvez, por isso, se observe com tanta freqüência atitudes contraditórias em adultos que em determinados momentos são tão permissivos e, em outros, tão rígidos e intransigentes. O que pensam nossas crianças e adolescentes quando vêem seus adultos discutindo se elas devem apanhar ou não, se a palmada é ou na “educativa”? Se a agressão deve ser oficializada ou não, justo por adultos que não permitem o mesmo consigo quando se comportam mal!

Um pai que tem como hábito cometer excesso de velocidade ao dirigir veículos, certamente não poderá convencer o seu filho de que ele não deve cometer excessos, pois ele mesmo não respeita esses limites. É complicado para os pais

impor limites para os filhos porque estamos o tempo todo lidando com nossos próprios limites, atualizando-os e revivendo a maneira pelos quais estes foram transmitidos pelos nossos pais. Podemos lembrar neste momento daquela antiga frase, “faça o que eu digo, mas não faça ao que eu faço”. Isso porque a maioria dos pais busca dar limites aos filhos desta forma, repreendendo a criança de cometer excessos, porém praticando atos excessivos, como, por exemplo, bater com violência.

Quando os pais trabalham adequadamente nesse sentido e, a cada oportunidade que surge estabelecem limites, isto é, concordando e incentivando as atitudes positivas e criticando as negativas, com o passar de alguns anos, a criança terá aprendido as regras básicas de convivência e iniciado o processo de socialização ( ZAGURY, 2002, p.32).

O adulto deve proporcionar um suporte afetivo e material à vida da criança a partir do estabelecimento de regras, de limites que buscam orientá-la e protegê-la, desde o nascimento até que possa cuidar-se sozinha. Ela precisa de um porto seguro ou um guia e vai encontrar no adulto que é o seu modelo, a sua referência.

Se na relação com os pais não houver uma hierarquia, ou seja, uma diferenciação de funções que consolida os pais numa posição de autoridade, o filho fica desorientado e inseguro.

Entretanto, ao impor regras às crianças, os pais devem partir de alguns pressupostos. Em primeiro lugar, estabelecer regras que respeitem simultaneamente a eles próprios e às necessidades de desenvolvimento da criança. Em segundo lugar, as regras devem ser claras, estáveis e firmes. Uma norma que ora vale, ora não, confunde a criança e fica mais sujeita a ser manipulada por ela. Em terceiro lugar, as regras precisam ser praticadas pelo adulto, através do exemplo, pelo fato de que a criança precisa constatar que aquilo que solicitam a ela é verdadeiro e realizável. A criança imita muito o adulto, principalmente pais e professores, por isso quanto mais for demonstradas boas maneiras, bons hábitos e atitudes mais chances terão de ter em nosso meio, crianças com estas características e por mais que as sociedades vão mudando de geração em geração, existem valores, virtudes que não se pode e não se deve abrir mão.

Atualmente, o contato social é muito precoce. Ainda sem completar a educação familiar, a criança já está na escola. O ambiente social invade o familiar não só pela escola, mas também pela televisão, internet, etc.

Não se obedece mais à ordem: primeiro o indivíduo, depois a família, por último a sociedade. Há uma mescla do ambiente familiar com o comunitário e as crianças têm dificuldade de estabelecer limites claros entre a família e a escola, principalmente quando os próprios pais delegam à escola a educação dos filhos.

Esses pais cobram da escola o mau comportamento em casa, mas a escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família. Por mais que a escola infantil propicie um clima familiar à criança, ainda é apenas uma escola.

A escola oferece condições de educação muito diferentes das existentes na família. A criança passa a pertencer a uma coletividade, que é sua turma, sua classe, sua escola. É um crescimento em relação ao “eu” de casa, pois ali ela praticamente é o centro.

O aluno, hoje, recebe da escola todos os conhecimentos necessários para sua formação, sejam eles tecnológicos ou científicos, mas é carente nos aspectos mais importantes que a modernidade traz, pois esta é completamente dissociada do elemento afetivo e da formação dos valores que o mesmo levará para a vida.

A escola também tem atividades específicas conforme a idade da criança, o que não acontece em casa, onde se vive conforme cada um pode e consegue dentro do que se chama vida familiar.

A família tem que fazer parte da escola e fazer dela uma extensão de sua casa. Pais interessados pelos avanços dos filhos devem participar da escola, não apenas para saber dos progressos, mas tomar parte de forma integrada, num processo permanente de ação efetiva da vida escolar. Sempre que se fizer necessário, procurar a identificação das possíveis dificuldades relacionadas aos estudantes sejam elas psicológicas ou ambientais, para desenvolver, juntos, trabalhos direcionados aos pais, cujo intuito é o de perceber e ampliar a participação e o envolvimento da família na formação do educando junto à escola. Os pais

podem assessorar a equipe diretiva, desenvolvendo projetos e trabalhos pertinentes aos diversos setores.

Se a parceria entre família e escola for formada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problema receberá ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los. Quando a escola e os pais têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos.

Muitos pais têm um exagero com relação aos traumas que poderão causar caso venham a ser mais enérgicos na educação de seus filhos. Usar o bom senso e algumas regras para estabelecer limites na educação infantil não é prejudicial. Para educar é preciso esforço, dedicação, perseverança e paciência, muita paciência.

Uma grande preocupação dos pais é pelo fato de passarem muito tempo longe dos filhos em virtude da carga horária dedicada ao trabalho, deixando a convivência educacional aos cuidados da escola desde os primeiros momentos, nas creches e nas instituições educacionais. Esta necessidade familiar gera um sentimento de culpa nos pais, que para compensar tais circunstâncias, acabam sendo permissivos em demasia com seus filhos, impedindo, por conseguinte, momentos de educar e proporcionar os valores que devem ser seguidos.

Nas escolas, a relação entre aluno e professor chegou a uma condição muito favorável, quando entendemos que a participação do aluno está maior, diferentemente de outras épocas onde o papel se restringia apenas a ouvir e guardar as informações que chegavam, diferentemente do passado em que a relação entre mestres e alunos chegava ser aterrorizante com castigos severos, como a palmatória, puxões de orelhas e cabelos, ficar ajoelhado em cima de grãos e ser exposto e ridicularizado perante os demais. O Brasil passou por um período ditatorial que, entre outras coisas, serviu para nos dar aversão ao autoritarismo. Agora existem dois tipos de disciplina, aquela que é autoritária, enfiada goela abaixo nas pessoas, e aquela que resulta da compreensão da necessidade de um esforço sistemático para atingir qualquer objetivo, seja-o aprender a jogar futebol, tocar um instrumento musical ou entender uma fórmula matemática. Esforço, porém, é uma palavra que adquiriu conotação negativa, sobretudo em uma sociedade não

permissiva como é a nossa. E os professores frequentemente se transformam em bodes expiatórios da revolta de jovens; até casos de agressão são registrados. Precisamos, portanto, recuperar a noção de disciplina como algo necessário para um melhor relacionamento onde nesta convivência com o outro, na escola, cada participante vai falar, dar opinião, fazer silêncio, defender seu ponto de vista e descobrir que cada um é diferente do outro, tem sua identidade e deve ser respeitado. E nesta relação com os diferentes tipos de pessoas e culturas é que vai ser construídos saberes diferentes, até mesmo a construção dos limites, hábitos e atitudes em sala de aula e fora dela.

A realidade é construída de limites. Precisamos também, reconhecê-los e lutar para superá-los.

Para trabalhar a questão de limites na infância, o educador deve começar a introduzir algumas regras e construí-las conjuntamente, pois são de fundamental importância para o desenvolvimento das atividades. É no contato com elas que as crianças poderão se orientar e saber como devem agir nos diversos momentos de sua rotina.

Ao participar da construção de regras, a criança aprende a ser parte de um grupo, ao mesmo tempo em que desenvolve sua autonomia. É importante que o educador não seja prepotente e nem desvalorize a criança que deixa de cumprir algumas regras. A compreensão, pelo educador, dos limites das crianças para cumprir regras e do processo pela qual essa capacidade se desenvolveu é fundamental para possibilitar o direito de expressão da criança.

Não se deve esquecer que ela ainda está desenvolvendo essa habilidade de entender e respeitar regras de convivência social. Nos momentos que ela descumprir um acordo elaborado em grupo, o educador poderá lembrá-la do que o grupo decidiu.

O educador precisa interagir para coordenar as trocas com os educandos e para isso precisa ter limites estabelecidos: participação, registro, concentração, presença, organizar tempo, espaço e conteúdo. Pensar e socializar no grupo respeitando as limitações de cada um.

Somos geneticamente sociais. Precisamos do outro para viver, não conseguimos viver sozinhos e para sabermos conviver com os limites, saber o meu limite e o limite do outro para que não haja conflitos, e sim uma relação sadia onde se possam construir conhecimentos juntos.

Os alunos sentem-se mais seguros quando conhecem os limites do que lhe é permitido. Porém os limites devem ser colocados e construídos de uma maneira que não magoe a criança, com respeito.

O ambiente também interfere na disciplina. Uma sala de aula muito cheia, alunos barulhentos, sala quente, escura é pouco provável que se consiga disciplina. Porém, o estado psicológico do grupo é a condição ambiental mais prejudicial.

Deparamos-nos com vários tipos de problemas em sala de aula, resultando uma produção escolar alterada, seja na aprendizagem ou no comportamento onde encontramos crianças hiperativas, agressivas, perturbadas, cabendo ao educador identificar o problema e encaminhar ao profissional adequado. É preciso respeitar tais limitações, acolher esse aluno e não se colocar contra ele. O professor precisa ter criatividade, bom humor, empatia e bom senso. Ele é uma autoridade dentro da sala e deve ter jogo de cintura para administrar sem demasia, tendo certo equilíbrio nas decisões e os pais devem pensar junto com a escola. A aula deve oferecer limites, flexibilidade e socialização da pauta.

O professor não dá aula, ele constrói a aula e precisa de muito planejamento e certo limite de organização para que haja aprendizagem.

Aprender é desvelar o conhecimento, iluminar a vida. Deve-se tomar cuidado para que as aulas sejam apetitosas, pois nossos alunos já não têm muita vontade, pensam que já sabem o bastante. Eles parecem ter um ritmo diferente da época de seus pais. Querem conversar sobre novidades de informática, internet, música, esporte, revistas, etc.

A criança de hoje está bem mais estimulada e responde com maior agilidade ao meio, o que lhe confere a boa posição de ser participante nos grupos sociais; casa e escola especialmente.

Sabe-se que o mundo mudou, os alunos mudaram. Mudou a escola? Logo se conclui que a questão indisciplina é um “sintoma” de várias ordens, mas que afeta a

relação educativa. Mesmo porque não é possível supor a escola fora do contexto social-histórico, suas relações e aos movimentos exteriores a ela gerando uma malha de fatos; que não são vistas isoladas da escola, pois o mundo, a sociedade e a escola são um todo. Cabe também analisar no âmbito psicológico: pensar a respeito das relações familiares e seu papel educativo com as crianças.

Tanto do ponto de vista histórico quanto psicológico a indisciplina apresenta-se com sintoma de relações conflitantes e acabam afetando diretamente relação professor-aluno.

A questão disciplinar é uma das principais queixas dos educadores ao trabalho pedagógico, um obstáculo central dito como “bagunça”, “tumulto”, “descontrole”, “falta de limites”, “desrespeito”, etc. em todas as esferas, públicas e particulares. É o inimigo número um do educador.

## **2.4 Contradições na relação pedagógica**

A educação está intimamente ligada à transmissão da cultura. Esta é responsável pela construção de conhecimentos, assim como de comportamentos éticos, práticas sociais, habilidades básicas para a manipulação e controle do universo do ser humano.

Considerando que os indivíduos constroem seus conhecimentos na dinâmica das relações entre si, Arroyo (2000), considera que “estamos atrás de nossa identidade de mestres”. O termo ofício como o autor nos coloca, remete a um fazer qualificado, profissional. Seus mestres têm que ser artesãos, artífices, artistas para dar conta do magistério.

Os professores têm uma história e uma memória que não pode ser desconsiderada. O magistério é uma referência onde se cruzam muitas histórias de vida tão variadas e tão parecidas. Convivemos com uma verdadeira “invasão” na ação educativa. Há vários interesses ocultados neste processo. A categoria de profissionais da educação é atacada por todos os lados. E diante das ameaças, o professor se vê obrigado a defender e reafirmar o seu ofício, o seu saber-fazer, a

especificidade de sua ação, enfim, preservar a sua identidade. A educação escolar é tratada com desrespeito, em que todos entendem, opinam, palpitam, etc., o que vem descaracterizando o trabalho dos seus profissionais.

Com o passar dos anos, o professor teve que lutar em defesa e afirmação de um ofício que foi vulgarizado e precisa ser recuperado. Os tempos e vivências da escola invadem todos os outros tempos do professor. Ele é transportador de angústias e sonhos, da escola para casa e de casa para a escola. Ser professor faz parte de sua vida pessoal. É impossível separar a identidade profissional da pessoal. Conforme Arroyo (2000, p. 42):

As condições precárias de trabalho, os péssimos salários, a falta de estabilidade, a condição de autistas, o fraco ambiente cultural das escolas, a duplicidade de turnos na docência e ainda o trabalho doméstico[...] não apenas limitam a qualidade da docência, impossibilitam uma autoformação formadora.

A tarefa desafiadora do professor: ser um docente mediador da cultura. Assim, não podemos separar conteúdos e processos, quando pensamos no desenvolvimento humano, na formação dos sujeitos. O importante não é o que se aprende, mas a forma como se aprende.

Todo o docente carrega algumas marcas de seus professores. Repetem traços de seus mestres, que por sua vez, deixam as marcas que podem ser renovadas, atualizadas, ressignificadas.

Ser professor é ter história, é ser parte integrante de um processo social e cultural, é ser protagonista de suas lutas e conquistas. Ao longo dos anos a categoria tem enfrentado grandes conflitos. Muitas conquistas e também frustrações.

O professor enfrenta hoje, várias dificuldades. Até o número de alunos por turma é questionado, pois um número menor de alunos por turma encarece o ensino. Ele convive com medo e sente-se ameaçado e fragilizado. Os professores precisam de união. No isolamento se tornam fracos. Como Arroyo afirma (2000, p. 152) [...] “somos o que produzimos. Nosso fazer é nosso espelho”. E este “fazer” que necessita de sentido, pois muitas vezes, o professor acomoda-se e reproduz o que a sociedade espera, dando continuidade à rotina, sem grandes rupturas, pois o novo

amedronta, desacomoda. É mais prático reproduzir seguindo modelos estereotipados.

Para esse autor, outro problema sério na relação pedagógica é a reprovação. Reprovar sempre será uma violência para os educandos e os educadores, por mais que busquemos ocultar. É o espelho onde nosso rosto docente se revela mais desfigurado. Um professor ético não dorme em paz com sua consciência, deixando a beira da estrada educandos abandonados. No fundo nossa ética profissional, educativa nos confronta com esses valores.

Outro problema sério enfrentados pelos professores em sala de aula é o da indisciplina, tema já trabalhado no capítulo anterior. O professor tem um papel essencial como fonte de informação que os alunos vão transformar em conhecimento. Alguns alunos adoram ou detestam uma matéria justamente por causa do professor. Percebemos que o profissional da educação deve além de ensinar conteúdos combinar censo de humor, saber estabelecer limites, saber ouvir e exigir silêncio quando necessário, pois essa autoridade pode não parecer, mas é esperada pelos alunos. Se ela não acontecer à indisciplina imperará.

Um plano curricular supõe implícito ou explicitamente uma visão de educação e de como a escola, enquanto instituição social, responsável pela educação realiza a sua parte. Não se trata mais, para lembrar apenas uma das visões clássicas, de ver, a educação como pressão sistemática e consciente dos adultos (portanto, algo unilateral e heterônomo) sobre as crianças no sentido de torná-las pouco a pouco, um deles ou como eles. Desliza-se, portanto, de um “o que educar?” (visando o crescimento da criança), e “para que educar?” (a finalidade da educação é tornar a criança um adulto) para um “por que fazê-lo?” (para promover os conteúdos que nos caracterizam como seres humanos).

Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama do mau comportamento ou da indisciplina do aluno os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola. Agindo assim estarão deseducando os filhos ainda mais. Não pensam que o filho é para sempre e a escola é um local onde ele freqüenta por um período e depois dela se afasta. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para benefício do filho/aluno.

O professor convive com incertezas. Por um lado, deseja alcançar os objetivos educacionais, pois os pais esperam que seus filhos estejam preparados para o vestibular, por outro, sabe que a formação ética, a diversidade, a auto-estima, a solidariedade, etc. são temas fundamentais para a formação do ser humano.

Conforme Arroyo (2000, p. 184):

Deveríamos sentir-nos orgulhosos de perceber que o que a infância e adolescência aprendem em nosso convívio cotidiano é muito mais. Aprendem a usar as operações mentais, as ferramentas da cultura e seus significados, os sistemas simbólicos que lhes transmitimos, às vezes sem sabê-lo. A caixa de ferramentas culturais com que construir a realidade social e com que se adaptar ao mundo ou contribuir para mudá-lo. Esses aprendizados são o que há de mais permanente no convívio entre gerações que acontece na experiência escolar [...] Somos mais do que pensamos ser. Ensinamos e transmitimos mais do que pensamos ensinar.

Fala-se muito sobre processos de humanização e desumanização. Na década de 1960, Paulo Freire, com toda sua sabedoria, trazia a educação para o campo da humanização e não como instrumentalização para o mercado de trabalho. Dizia que era preciso recuperar a humanidade roubada dos educandos. Tantos anos se passaram e será que estamos realmente construindo uma educação mais humanizadora?

Na visão de Arroyo (2004) “o mal-estar nas escolas é preocupante porque não é apenas dos professores, mas também dos alunos”. Concordando com o autor, temos vivenciado sim, um mal-estar nas escolas. Diariamente temos pais descontentes com professores, professores desmotivados e descontentes com os salários, direção indignada com as minguadas verbas recebidas, alunos revoltados, pois não dispunham de atendimentos nas bibliotecas, laboratórios, enfim, parece que realmente a instituição escolar está em crise.

Os professores sabem que escola sem aluno não é escola. Da mesma forma, aluno sem escola, não é aluno. Cientes dessa necessidade mútua, que se faz necessário repensar se essas imagens não podem ser ressignificadas, recuperadas, reconstruídas.

A escola precisa estar ciente que seu papel mudou, de mera cumpridora de instruções normativas, passou a ser a principal responsável pela definição do projeto educativo da sociedade. Parece que precisamos reencontrar nossa identidade,

acreditar que é possível construir uma educação mais humana e transformadora e, para isso, às vezes é preciso fazer escolhas, ter mais que esperanças ter coragem de dizer “basta” a um sistema neoliberal que tenta impor, amedrontar e anular o saber-fazer dos professores.

#### **2.4.1 Relações entre alunos e professores sob o olhar da pedagogia**

Sempre foi difícil ser professor, mas especialmente nessas últimas décadas, em que a identidade profissional está em crise os desafios aumentaram. Com as discussões em torno da profissionalidade, já é possível entender o magistério como profissão e considerar os aspectos ligados às relações humanas que se estabelecem no cotidiano escolar. Acredito ser impossível conviver com uma turma de alunos, durante 200 dias letivos e não se estabelecer nenhum tipo de vínculo afetivo. A professora, por muito tempo, foi considerada a “tia” dos seus alunos e muitas vezes tinha que fazer o papel de segunda mãe no trabalho pedagógico. Isso tudo em nome de garantir a afetividade no espaço escolar. Não há dúvidas de que esses fatos têm contribuído para a desvalorização do magistério, bem como os baixos salários, a sua classificação como semiprofissão e, evidentemente, a crise de identidade que se estabeleceu. É importante retomar a idéia de Vasconcelos (1995, p. 62):

Historicamente, foi motivo de abuso: em nome do “amor”, distorceu-se a prática pedagógica, induziu-se um forte viés idealista e justificou-se entre outras coisas, o aviltamento das condições de trabalho do professor. Não pode ser piegas, nem pretexto para manipulação. Uma outra distorção do amor é o sentimento narcíseo exarcebado do professor.

Num tempo em que a escola trabalhava a partir da metodologia tradicional, o professor era considerado detentor da saber e do poder legitimado pela cultura e pela sociedade. Se o aluno incomodasse, poderia sofrer graves castigos. A suposta autoridade do professor estava vinculado à questão do medo. Ao professor cabia transmitir o conhecimento para os seus alunos. E aos alunos cabia memorizar os conteúdos ensinados pelos seus professores. Nesse sistema, os professores mandavam, e os alunos obedeciam, sem reclamar. Talvez nessa época fosse menos

trabalhoso e mais fácil dar aula, pois as relações na sala de aula se estabeleciam de maneira muito impessoal.

Segundo Brandão (1993), a educação aparece sempre onde há relações entre pessoas e intenções de ensinar e aprender. E continua afirmando que “todo o saber que se transfere pela educação circula através de trocas interpessoais, de relações físicas e simbolicamente afetivas entre pessoas”.

A educação é uma prática social [...] cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 1993, p. 73-74)

Sendo uma prática social, além de a sociedade influenciar a educação, ela também atua no desenvolvimento dessa mesma sociedade, preparando a mão-de-obra produtiva, ou desenvolvendo seus valores sociais.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9394/96, propõe o desenvolvimento pleno dos alunos. Tenho a certeza de que isso só vai acontecer, na medida em que as relações dentro da escola mudarem. A partir das relações entre alunos e professores, bem como das relações com os demais segmentos da comunidade escolar, é que esse aluno viverá, na prática, o conceito de cidadania.

Muitos autores como Freinet, Wallon, Vigotsky, Lacan, Maturana, Freire e outros, apostam nos vínculos afetivos que se estabelecem na relação entre alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem, como um recurso facilitador para a construção do conhecimento. Para Arroyo (2000), faz parte do “ofício de mestre” resgatar o humano possível que existe na infância e na adolescência e, por que não dizer, nos próprios professores que se encontram desgastados com sua profissão.

Para Esteve (1995), existe um verdadeiro “choque com a realidade”. A isso, duas opções podem acontecer: o professor pode continuar vivendo num mundo ideal e se frustrando com sua profissão ou pode procurar meios de superação de dificuldades.

Não se pretende defender aqui a valorização das relações entre alunos e professores em detrimento do conhecimento. Pelo contrário, propõe-se que o saber e as relações passem a ter um mesmo grau de importância no espaço escolar. Mesmo porque, quando não existe um bom clima em sala de aula, isto é, com tumultos, desorganização, desrespeitos e indisciplina, a aprendizagem dificilmente ocorre.

Segundo Cunha (1997), “parece consequência natural, para o professor que tem boa relação com os alunos, preocupar-se com os métodos de aprendizagem e procurar formas dialógicas de interação”. Assim, parece evidente que o próprio professor se sinta mais comprometido e responsável pelo trabalho pedagógico. Maturama (1998, p.18-19), afirma:

O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar-se. O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente, vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional.

Acredito que a afetividade e a razão fazem parte do ser humano, que não são excludentes entre si e que regem as nossas ações. Além da relação existente entre o desenvolvimento da afetividade e a aquisição de conhecimentos, ainda é fundamental, nesse processo, a qualidade das interações sociais vividas pelos indivíduos.

#### **2.4.2 Relações conflitivas de relacionamento na escola**

Respeitar o outro. A palavra respeitar significa olhar de novo. Só consigo respeitar alguém ou algo, se consigo olhar esse alguém ou essa coisa de um jeito que eu não via ainda.

O discurso de auto-ajuda, muito presente nas escolas, diz que o conflito é mau. O conflito não é mau. Precisa existir conflito na escola. O problema é não

conseguir administrar o conflito. Aqui entra a questão da autoridade. Estamos carentes de exercer a autoridade na escola.

Exercer a autoridade é uma arte. É preciso ter uma velocidade pequena e se dar ao respeito e escolher o outro para poder exercer a autoridade. O aluno não quer que o professor seja “amiguinho” dele. Às vezes a gente vai muito rapidamente dum extremo ao outro, não é para ser “amiguinho” e nem um “autoritário”. De acordo com Arroyo (2000, p. 54):

A recuperação do sentido de nosso ofício de mestre não passará por desprezar a função de ensinar, mas reinterpretá-la na tradição mais secular, no ofício de ensinar a ser humanos. Podemos aprender a ler, escrever sozinhos, podemos aprender geografia e a contar sozinhos, porém não aprendemos a ser humanos sem a relação e o convívio com outros humanos que tenham aprendido essa difícil tarefa. Que nos ensinem essas artes, que se proponham e planejem didaticamente essas artes. Que sejam pedagogos, mestres desse humano ofício.

No campo da cultura e das relações intersubjetivas, a necessidade de aproximação atinge dimensões mais complexas. A busca de contato ultrapassa a ordem natural. A escola é um laboratório onde se remodelam e se refazem as vivências cotidianas. Daí o cuidado ao lidar com questões delicadas, como os preconceitos, os estigmas, as discriminações.

É importante na relação o contato, sentir o outro e essa condição de toque dá uma condição de existência para os seres vivos que é fundamental e insubstituível. Todas as relações precisam ser cultivadas como qualquer coisa que é viva. A amizade, o namoro, a relação com a família precisam de tempo, cuidado, de um olhar diferente. Aí entra a questão de tirar tempo para isto, porque sem as relações o tempo não existe.

A afetividade e a razão fazem parte do ser humano, que não são excludentes entre si e que regem as nossas ações. Além da relação existente entre o desenvolvimento da afetividade e a aquisição de conhecimentos, ainda é fundamental nesse processo, a qualidade das interações sociais vividas pelos indivíduos.

### **2.4.3 Disciplina X Indisciplina: aliadas / inimigas na aprendizagem**

A disciplina é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores bem como os alunos. Caso alguns professores não levem essas regras a sério ou por não dominarem completamente o conteúdo de sua disciplina, ou por não estarem de acordo com as pessoas que administram a escola, estarão dando a oportunidade para os alunos se valerem dessa situação para tornarem a escola um ambiente totalmente indisciplinado, jogando um professor contra o outro. Por isso é de fundamental importância que todos adotem uma postura única perante a disciplina.

O professor tem um papel essencial como fonte de informação que os alunos vão transformar em conhecimento. Alguns alunos adoram ou detestam uma matéria justamente por causa do professor. Percebemos que o profissional da educação deve, além de ensinar conteúdos, combinar censo de humor, estabelecer limites, saber ouvir e exigir silêncio quando necessário, pois essa autoridade pode não parecer, mas é esperada pelos alunos. Se ela não acontecer à indisciplina imperará.

Podemos também aqui relatar sobre o aluno que nada chama sua atenção em sala de aula e quando o professor pede sua colaboração ele interpreta como perseguição, age de maneira bruta e inesperada e através de seu temperamento podem, na maioria das vezes, partir para a agressão física. A simples retirada do estudante da sala não resolve o problema.

Quando os pais deixam o filho fazer tudo o que deseja, sem impor-lhe regras ou limites, ele acredita que suas vontades são leis que todos devem acatar. Por esses motivos quando os pais realizam a matrícula de seus filhos em determinada escola a direção deve apresentar-lhes as normas de disciplina, ou seja, o que é e o que não é permitido no ambiente escolar, se estas atendem as expectativa dos pais muito bem, caso contrário, deverão procurar outra escola. Quem vai a uma festa acata as regras do evento, viaja para outros países após obter o passaporte e submete-se a legislação daquele país, para sermos atendidos em bancos ou instituições públicas devemos aguardar na fila, assim acontece em tudo. Por que o aluno não deveria respeitar as regras da escola na qual ingressou livremente?

Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama do mau comportamento ou da indisciplina do aluno os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola. Agindo assim estarão deseducando os filhos ainda mais. Não pensam que o filho é para sempre e a escola é um local onde ele freqüenta por um período e depois dela se afasta. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para benefício do filho/aluno.

Cabe salientar que um desrespeito aos pais pode ser relevado; aos professores, já implica advertência; e as autoridades sociais, é punição.

A manutenção da disciplina constitui, na verdade, uma preocupação de todas as épocas, é um fenômeno que decorre da sociedade e seu sistema de ensino, mas também um fenômeno essencialmente escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável como ela.

A indisciplina, na escola, tem suas características próprias e só adquire significado em relação ao processo pedagógico em curso, devendo ser compreendida levando-se em conta a função que desempenha nele. Só investigando o “para que” da indisciplina, torna-se inteligível o “como e o porquê”. Por outro lado, acreditamos que aprender é construir representações pessoais dos conteúdos, que devem ser significativos para o aluno, contextualizados a sua realidade e relacionados interdisciplinarmente. A aprendizagem só pode ser produzida a partir de um contato efetivo com os conteúdos.

Se isso é verdade para os conhecimentos ditos escolares, com certeza também o é para atitudes, normas, valores, comportamento em geral. Embora a imitação e o contato com as normas e valores do grupo a que o indivíduo pertence façam parte do processo de aprendizagem, só podemos considerar que o sujeito realmente se modificou e, portanto, aprendeu quando ele elabora e assume a autoria de seus valores.

Partindo desses pressupostos, propõe-se uma leitura pedagógica de disciplina e indisciplina na escola, uma interpretação que permita distinguir o que acontece na escola e, principalmente, na sala de aula e de outras formas de rompimento da ordem social. Se a indisciplina escolar pode, às vezes, parecer um ato de delinqüência, ela raras vezes o é, pois na maioria delas ela não quebra a ordem legal da sociedade, mas apenas a ordem estabelecida na escola, em função das necessidades de uma aprendizagem organizada coletivamente.

Vejamos, por exemplo, o início da adolescência. Nessa fase, que tem início na 5ª série do Ensino Fundamental, costumamos dizer que os alunos estão iniciando uma travessia entre o mundo da infância e o dos adultos, e é muito importante que construam recursos necessários para compreender essa significativa viagem. Essa não é uma fase tranqüila da vida. Pelo contrário, meninos e meninas passam por grandes modificações, começam a contestar as normas vigentes, buscam a aprovação de seus pares, expõem-se a perigos, angustiam-se, ora inseguros e carentes, ora poderosos e autônomos. Pais e professores representam o porto seguro e, ao mesmo tempo, figuras que ameaçam dominá-los.

Será possível que pais e professores ignorem esse momento e trabalhem somente conteúdos disciplinares como se nada estivesse acontecendo? E mais: se essas são as principais preocupações dos pré-adolescentes, se eles não conseguem pensar em outra coisa, se agitam e se agriem, não poderiam esses conteúdos se transformar em poderosos aliados do processo de ensino-aprendizagem?

Ao construir junto com os alunos as normas de comportamento, ou, ao lidar com os conflitos e transgressões, pode-se transformar essas vivências em aprendizagens, através do processo de elaboração. Elaborar uma vivência implica levantar todos os dados possíveis da situação: é como se circulássemos em torno de um objeto, olhando-o a partir de diversos pontos de vista para construir uma representação mais completa possível dos fatos. A partir desse conhecimento objetivo, podemos então buscar as relações: para que, por que, como, a fim de que os alunos possam ter maior clareza de seu comportamento e o dos outros, das modalidades de relacionamento, das noções de hierarquia, de autoridade, de afeto e cumplicidade envolvidos. Vão percebendo as vantagens e desvantagens para si e para os outros, de agir de uma determinada maneira. A partir desse ponto, pode-se começar a definição dos procedimentos e sua testagem na prática (momento de experimentar, corrigir rumos, chegar a conclusões e, talvez, sistematizar e fixar).

Somente essa percepção construída pelo sujeito pode, verdadeiramente, transformar as atitudes. Punições desvinculadas desse processo não se transformam em valores verdadeiramente incorporados, e estes tendem a desaparecer, longe da vista da autoridade. Exclusão pura e simples do aluno, seja da atividade ou até da escola,

significa desistência do educador de sua missão, desistência daquele aluno, o que pode até acontecer, mas para ninguém é desejável.

Isso não quer dizer que, no caso de indisciplina, não existem punições. Estas fazem parte do trabalho de elaboração e devem ser sempre muito trabalhadas com os alunos. Em casos extremos e raros, podem existir punições grupais, quando um conjunto de alunos participou direta ou indiretamente de um episódio inaceitável.

Além desse trabalho diretamente ligado aos atos de indisciplina ou ao conteúdo disciplina na sala de aula, na escola e na vida, a “leitura pedagógica” das transgressões escolares (ou não) dos alunos envolve também todas as possíveis relações com os conteúdos escolares. Partindo do perfil da fase escolar e da possível caracterização da sala de aula que o professor tenha, podem-se propor intervenções que, ao mesmo tempo, trabalhem o assunto disciplina, mas que principalmente, transformem esses fatos perturbadores em centros integradores de trabalho interdisciplinar, usando o poder ilimitado que eles têm como fonte motivadora dos alunos e mobilizadora das suas melhores e mais fortes potencialidades. Nesse processo, temos enquanto pais e educadores o papel de ajudá-los a construir a imagem de si e do mundo para poder ingressar na fase adulta com segurança e confiança. Sem limites e disciplina, esse processo pode acabar sendo comprometido, deixando os jovens confusos, perdidos e desprovidos de referências.

Por isso, acredita-se que a disciplina é uma questão de respeito, isto é, consideração por nossas crianças e adolescentes, que dependem dos adultos indicarem o rumo que devem seguir, fazendo com que desenvolvam a consciência de seus papéis, responsabilidades e encargos na construção de nossa sociedade.

#### **2.4.4 O adolescente e seu relacionamento com as novas tecnologias**

Os meios de comunicação passam uma mensagem ambígua nesse campo: ao mesmo tempo em que valorizam o estudo, visto estarmos na “sociedade do conhecimento”, estão, a toda hora, alardeando que não há lugar para todos. Só os

melhores sobreviverão. Isto angustia muito o jovem estudante mais sensível, mais humano, pois se vê impelido a participar de um jogo de competição violenta.

Os adolescentes se relacionam com as novas tecnologias, mas se relacionam uns com os outros também. Talvez mais do que antes, porque é uma forma de relacionamento, de estar com o outro. Às vezes, entram noites adentro com o outro, se comunicando direto, com câmeras, falando, olhando [...] É uma outra forma de interação. Isso para nós adultos é complicado porque ficamos ainda olhando outro alguém, ouvindo a voz. Para eles é outra linguagem.

E neste jogo é fundamental romper com os limites, a fim de liberar para o consumismo exagerado; sem limites bem definidos, as pessoas agem sob o impulso e não é por acaso que a maioria das propagandas trazem um forte apelo emocional. Este “ataque especulativo” atinge, sobretudo a criança e o jovem, pontos mais frágeis da corrente, sendo que, a partir daí, passam a influenciar todo o consumo da família. Na raiz destas crises, podemos encontrar um movimento de desconstrução de uma sociedade autoritária e hipócrita. Muitos adultos se lembram com saudades do tempo em que bastava o pai dar uma olhada que o filho já entendia, enquanto que hoje o pai tenta conversar com o filho que o deixa falando sozinho... Ocorre que este processo de desconstrução, foi apropriado e manipulado pelo mercado, que viu aí a possibilidade de ampliar suas vendas, seja pela quebra de limites, seja como forma de preencher um certo vazio existencial advindo da quebra de referências. Mercado sempre teve, desde o momento da produção excedente na comunidade primitiva; só que nunca ocupou tanto espaço e de forma tão perversa, visto que ser é igual a ter, se não tem, não é.

Este incentivo a não ter disciplina, a satisfazer imediatamente as vontades, aparece claramente também na mudança de valores na família, na qual há uma grande dificuldade em se mostrar aos filhos que liberdade e disciplina andam intimamente ligados.

Tanto pais como filhos se confundem ao falar de liberdade: ambos, muitas vezes, trocam os conceitos de liberdade com permissividade. Há uma grande diferença entre estas palavras. Liberdade implica em escolher. E toda a escolha envolve uma decisão. Escolher significa dizer não a uma (ou mais de uma) opção, isso é, haverá um caminho que deixará de ser trilhado em detrimento de outro. É na disciplina que reside as

dificuldades, pois cada indivíduo tem a sua e muitas vezes sofre pressão de “ amigos “ ou parentes para superá-los, sem se levar em conta o prejuízo que isso pode acarretar.

## **2.5 A construção de uma escola humanizadora**

Na sociedade contemporânea, mudanças profundas acontecem cada vez mais rapidamente em todas as áreas. O avanço do conhecimento é um fato irreversível que provoca drásticas modificações na vida de cada um de nós, criando necessidades urgentes que precisam ser satisfeitas para que todos tenham oportunidade de viver plenamente sua cidadania. Nesse cenário de constante transformação, a escola tem sido apontada como uma das instituições sociais mais refratárias à inovação.

Um dos discursos sempre presente nos meios educacionais refere-se à necessidade de repensar as propostas político-pedagógicas desenvolvidas nas escolas, buscando novos caminhos que possam qualificar sempre mais as aprendizagens.

Refletir sobre a mudança da prática docente a partir da construção de uma nova proposta político-pedagógica e as dificuldades encontradas nesse processo nos leva, obrigatoriamente, a uma questão: O que é o novo? É o que nos causa estranheza? É o velho com nova roupagem? É o nunca visto ou sentido? É algo que se põe diante de nós despertando medo? Ou será algo que nos atrai impulsionando o desejo de aprofundarmo-nos em suas entranhas para desvelar seus segredos escondidos? Tudo isso é o novo.

O novo nunca o vemos por inteiro. Suas faces vão se mostrando gradativamente, desafiando-nos constantemente. Assumir a mudança em educação significa expor nossas lacunas, explicitar a incompletude de nossos conhecimentos, as deficiências de nossas práticas, enfim, abrir mão de nossa onipotência e do autoritarismo didático, significa repensar nosso referencial epistemológico. Esse é o ponto crucial, por exigir mudanças conceituais básicas sobre o que é o ensinar e o que é o aprender e, conseqüentemente, sobre o papel do professor e do aluno na relação ensino e aprendizagem.

### **2.5.1 Mudança de postura do educador diante de uma nova prática pedagógica**

Uma nova concepção de prática pedagógica vai exigir, do professor, uma mudança de postura, encarando o processo ensino-aprendizagem com os outros olhos e ampliando seus horizontes para transformações. Para isso, deverá investir suas energias e potencialidades não no controle de transmitir, e sim na aprendizagem dos alunos. O papel do educador, dentro de uma concepção dialética de educação, é o de comprometer-se com a aprendizagem do aluno, transformando o sujeito passivo de educação tradicional em sujeito ativo da educação nova, em direção ao sujeito interativo.

Sempre que se pensa na problemática dos relacionamentos surge o questionamento do porque ser tão difícil mudar a concepção dos relacionamentos interpessoais.

Sabemos que novas idéias abrem possibilidades de mudanças, mas não mudam. O que muda a realidade é a prática. Seria importante lembrar que a mudança de mentalidade se dá pela mudança da prática. Se o discurso resolvesse, não teríamos mais problemas com indisciplina e relacionamentos interpessoais na escola. Há a necessidade constante de se discutir os convívios sociais na escola, ainda que muitas vezes difuso de que as relações sócio-afetivas são insuficientes e que tal insuficiência está em ter o silenciamento na relação entre escola e aluno.

Um sério problema que atinge os educadores em geral é a distância entre a teoria e a prática, o que os deixa sem instrumentos de intervenção na realidade, dando uma visão idealista e muito otimista de que transformar não é tão complicado como pode parecer. Como dito:

O mundo não está parado, esperando que o indivíduo decida para onde quer ir; o mundo tem uma dinâmica própria, dado pelo conjunto das relações sociais; diante dela, o sujeito deve se posicionar e lutar, se quer algo diferente, se deseja participar de uma perspectiva de transformação. (VASCONCELLOS, 2000, p.78)

Uma escola mais humanizadora deve ser um espaço onde se dá o encontro com os outros, com os diferentes e, conseqüentemente, conosco mesmo. E por isso, é um espaço eminentemente ético. Somente em meio à ética é que podemos acolher o outro. A ética aqui exige que abdicuemos de nosso próprio poder a fim de permitir ao outro que se manifeste.

O professor deve estar atento para a necessidade de envolver o aluno com as diferentes atividades educativas propostas para a sua formação, de maneira que todos os alunos percebam com clareza o porque de se estar realizando cada tarefa. Os processos formativos devem ser os lugares da participação consciente e crítica, da colaboração ativa, da avaliação coletiva e permanente para formarmos cidadãos-trabalhadores críticos, criativos e autônomos.

Dessa perspectiva, as decisões morais, assim como as decisões de avaliação, pressupõem conhecimento e aplicação das normas, mas também sensibilidade e compreensão das necessidades dos outros em suas circunstâncias particulares. Sem dúvida, o ensino e a avaliação de nós mesmos.

O primordial é oferecer aos alunos diversificadas oportunidades de pensar, buscar conhecimentos, engajar-se na resolução de problemas, reformular hipóteses, desenvolver o pensamento crítico, comprometendo-se com seus avanços e dificuldades.

Se é coerente e progressista, o professor tem que saber que não pode mediar nenhuma atitude dominante. Ele é refazer do feito. Propor ao aluno que re-saiba o sabido, que reconheça o reconhecido, que reproduza o produzido. Isso é produzir postura crítica no educando. (FREIRE, 1998, p.114)

Assim, um sistema educacional comprometido com o desenvolvimento das capacidades dos alunos, que se expressam pela qualidade das relações que estabelecem e pela profundidade dos saberes constituídos, encontra, na avaliação, uma referência à análise de seus propósitos. De acordo com FREIRE (1998, p.104): “Respeitar a leitura do mundo do educando, é maneira correta que o educador tem de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo”.

Partindo-se dessa idéia, acredita-se que se o professor não respeitar essa bagagem de conhecimento que o aluno traz para a escola, condicionada por sua cultura de classe, constituirá um obstáculo à sua experiência de conhecimentos. É de lembrar que a educação é a formação integral do ser humano e não um puro treino que fortalece a maneira autoritária e antidemocrática. O educador deve transformar o seu discurso em uma fala com o educando e interagir com ele, para que o mesmo possa construir a sua autonomia, vendo no professor um facilitador das suas ações.

O trabalho em sala de aula não acontece baseado apenas cognição, se assim fosse, grandes problemas estariam resolvidos. Ocorre que, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por agressão, busca de afeto ou aceitação. Os sujeitos querem ser reconhecidos, uns pelos outros, amados, notados, eles desejam ter valor para os outros. Assim:

Quando um comportamento inadequado da criança passa a ser compreendido pelos educadores, diminui a ansiedade agressiva, perde o caráter de condenação angustiante, saindo do ciclo vicioso: a criança regredia para obter satisfação libidinal, ao invés recebia condenação, aumentando sua insegurança afetiva. (VASCONCELLOS, 2000, p.89)

Portanto, percebe-se que as relações interpessoais entre alunos e professores são de grande relevância no processo ensino-aprendizagem. O professor deve transmitir confiança e carisma ao aluno.

A fala do professor é uma fala que ajuda a despertar a consciência a dialogar diante dos valores e a problematizar a pessoa perante seu mundo existencial; que ajuda a pessoa a tomar decisões objetivas, reais e desafiadoras perante a realidade de vida.

O professor que se comunica efetivamente com seus alunos desenvolve um método pedagógico que procura dar ao seu aluno a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai descobrindo, manifestando e configurando através da conscientização.

O ato de ensinar não pode ser uma ação de simplesmente passar conhecimentos, técnicas, mas deverá ser uma ação comunicadora que implica diálogo recíproco.

### **2.5.2 O papel da gestão na construção de uma escola humanizadora**

A reflexão aqui proposta tenta resgatar a importância do processo educativo como um todo, gerando uma dimensão de avaliação mais completa e próxima do que realmente acontece na escola.

Nos últimos anos, cresceram as discussões sobre os debates acerca dos limites da democracia representativa e da necessidade de criação de novos mecanismos de participação dos cidadãos na gestão escolar.

A qualidade da educação faz parte das preocupações dos gestores escolares há décadas, sendo objeto de atenção das políticas educacionais contemporâneas. Estas políticas enfatizam a missão da escola em criar estratégias que permitam a formação continuada do professor na perspectiva de promover um ensino de qualidade, levando-se em conta que a função social da escola ultrapassa a troca do conhecimento sistemático em sala de aula. A escola é um espaço de convivência e lugar de socialização dos saberes, de encontros e descobertas.

Para garantir a unidade da prática escolar exige-se, antes de qualquer coisa, o conhecimento de todo o trabalho que se desenvolve na escola, em suas especificidades e na relação que existe entre as partes. Nessa tarefa, o projeto político-pedagógico surge como um instrumento eficaz para a garantia da unidade do trabalho escolar e, a partir dele, o Conselho Escolar pode acompanhar todo o processo, auxiliando na melhoria da qualidade da educação.

O papel da gestão na construção de uma escola humanizadora, no que se refere ao processo ensino-aprendizagem é o de identificar e acompanhar as práticas docentes através da avaliação da prática pedagógica, do planejamento curricular, da organização de seminários e oficinas, da organização da sala de aula, do domínio das estratégias de gestão dos conteúdos, da capacidade de produzir saberes

pedagógicos e desenvolver competências, para atuar como cidadão e profissional consciente e responsável.

Os gestores têm a função de acompanhar, monitorar e avaliar o desempenho do professor, analisando sua repercussão na aprendizagem do aluno. Isto deve ocorrer, a partir da visão de que a escola é um espaço de práticas pedagógicas voltadas para a promoção das pessoas, para a socialização do aluno e sua inserção no mundo do trabalho.

Podemos ter escolas em boas condições físicas, equipadas, salários e condições de trabalho razoáveis e faltar clima humano. Porque as relações entre professores ou com a direção, entre educandos sejam distantes, formais, frias, coisificadas ou burocratizadas. (ARROYO, 2000, p. 64)

A gestão democrática não traz alterações apenas para a dinâmica interna e fortalecimento de espaços participativos da escola. Se a escola, os professores, a comunidade escolar e local se impõem como atores importantes, o sistema de ensino precisa revisar suas posições, assegurando às escolas autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira.

O diretor escolar tem um papel muito importante na construção de uma escola mais humanizada, pois, é responsável por estabelecer e promover a execução de políticas e procedimentos para o bom funcionamento da escola, assim como supervisionar e apoiar as equipes de trabalho. Também faz parte de seu trabalho, a manutenção de bom relacionamento entre professores, alunos, funcionários, pais e comunidade, garantindo um ambiente propício à formação e aprendizagem dos alunos.

A interação da escola na sociedade traz novos desafios. Exige que a escola conheça e vivencie os problemas que a comunidade enfrenta e, ao mesmo tempo, faz um chamamento para que esta participe nos rumos que pretende tomar. Proporciona um canal de comunicação extra-escolar, que enfatiza o rompimento do poder de decisão concentrado nas mãos do diretor, socializando o poder coletivo, na procura de programar metas e conseguir realizar atividades planejadas.

O Conselho Escolar, o Conselho de Classe participativo, o Grêmio Estudantil, constituem canais capazes de viabilizar a participação democrática dos alunos na

gestão escolar e esse acompanhamento co-responsável do desenvolvimento do processo educativo cria um vínculo importante entre aluno/professor/equipe diretiva, que, se bem articulado, transforma a relação aluno/escola.

### 3 METODOLOGIA

De acordo com Gil (1996), a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação até a satisfatória apresentação dos resultados.

A pesquisa em Educação, especialmente a qualitativa, se destaca no tratamento dos fenômenos sociais, pois defende a idéia que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, onde o que interessa é compreender seus conteúdos e não descrevê-los ou explicá-los.

A presente pesquisa, com base em seus objetivos caracterizou-se como pesquisa exploratória, pois buscou maior familiaridade com a questão dos convívios sociais na escola. “Pode-se dizer que as pesquisas exploratórias tem como principal objetivo o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.”(GIL, 1996, p. 41)

De acordo com os procedimentos técnicos consideramos o estudo como uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida primeiramente pela escolha do tema, considerado de grande relevância no contexto atual das relações humanas na escola. Em seguida, foi feito o levantamento bibliográfico de autores que abordam sobre o tema escolhido; realização de leituras, fichamento das obras e por fim, redação do aporte teórico.

A pesquisa bibliográfica proporciona ao pesquisador uma visão geral do assunto proposto, apresenta proposições, analisa teorias de estudiosos, levanta questionamentos e aponta possíveis caminhos a serem seguidos para a resolução do problema de pesquisa.

Segundo Gil (1996, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Através desta pesquisa pode-se perceber a importância de um estudo mais aprofundado sobre os convívios sociais na escola atual e o papel da gestão escolar na concretização das ações e o quanto isso pode enriquecer a prática pedagógica dos profissionais em educação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato monográfico teve por objetivo repensar e ressignificar as interferências dos convívios sociais na escola, salientando a importância da instituição “família” neste processo, percebendo que é essencial e urgente refletir sobre o verdadeiro papel da escola que é o de formar cidadãos. Igualmente, a família, como primeira unidade educadora, também necessita assumir a educação dos filhos e não se trata apenas em discutir a quem compete tal atribuição, mas sim, procurar estabelecer boas relações entre escola e família através de uma educação dialógica. Escola e família deveriam ter o mesmo objetivo que é o de educar. Foram tantas as mudanças de mentalidade e comportamento nessas últimas décadas, que tanto os pais, quanto às escolas precisaram adaptar-se a um novo sistema educativo, objetivando construir juntos uma educação mais comprometida. Parece-me que chegamos a uma situação-limite. Pais e escola devem assumir urgentemente seus papéis diante da educação das crianças.

Por tudo o que foi analisado, acredita-se ter ficado claro que é necessário que todos os envolvidos com o processo educativo partilhem do ambiente para que se crie um elo afetivo, humanizado e de confiança, modificando as relações dentro da escola.

Convém salientar que a boa convivência gera confiança, fortalece o diálogo e a participação para um trabalho conjunto. Nesse sentido, é preciso que os integrantes adquiram consciência que o segredo do sucesso escolar depende do empenho de cada um, da tolerância e do saber conviver com as diferenças. Os gestores precisam ser flexíveis, ousados e ter conhecimento para o desempenho de sua função. É importante que, além de serem educadores, tenham consciência de sua tarefa de gerir com democracia, transparência e coerência. É necessário que tenham como foco a qualidade do processo ensino-aprendizagem, a ampliação do acesso a todos no que se refere à tomada de decisões, e a flexibilidade para interagir com toda a comunidade escolar.

Pôde-se constatar que educar é permitir, propiciar e incentivar todo esse processo de relações entre o sujeito e o meio. Manipular o mundo, utilizando-se de

referências, de relações topológicas, de classe e de ordem, a criança vai construir o seu Eu, a sua individualidade intelectual e afetiva, uma vez que se posiciona entre objetos e pessoas, e com isso estará aprendendo o que mais tarde será a compreensão de sua posição como cidadão, de seus direitos e deveres e, finalmente, do papel que pode desempenhar na transformação do mundo.

Para que seja descoberto o verdadeiro significado dos convívios sociais na escola, é necessário que os educadores reflitam sua ação, que dêem pequenos passos, porém seguros nesse sentido, que troquem experiências com os colegas sobre essa vivência. O professor precisa avançar no processo com coragem para enfrentar os percalços de um caminho desconhecido.

O trabalho em sala de aula não acontece baseado apenas na cognição, se assim fosse, grandes problemas estariam resolvidos. Ocorre que, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por agressão, busca de afeto ou aceitação. Os sujeitos querem ser reconhecidos, uns pelos outros, amados, notados, eles desejam ter valor para os outros.

No que se refere a indisciplina, tanto do ponto de vista histórico quanto psicológico, ela se apresenta com sintomas de relações conflitantes e acabam afetando diretamente a relação professor-aluno.

Precisamos, portanto, recuperar a noção de disciplina como algo necessário para um melhor relacionamento onde nesta convivência com o outro, na escola, cada participante vai falar, dar opinião, fazer silêncio, defender seu ponto de vista e descobrir que cada um é diferente do outro. Assim, cada um com sua identidade deve ser respeitado e lutar pelo respeito a diversidade. E nesta relação com os diferentes tipos de pessoas e culturas é que vai ser construídos saberes diferentes, até mesmo a construção dos limites, hábitos e atitudes em sala de aula e fora dela.

Nesse sentido, defende-se a gestão democrática para a transformação e efetivação da escola humanizadora. Neste processo, há necessidade de um envolvimento da comunidade escolar, elaborando análise do ambiente escolar para se saber as reais possibilidades de mudanças, e acreditando que a partir dos desafios da realidade, pode-se com à força da ação consciente e voluntária da

coletividade organizada gestar uma escola comprometida, humanizadora, aprendente, alegre e feliz.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1993. (coleção Primeiros Passos).

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini – São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CUNHA, Luiz Antônio. **Nova Reforma do ensino superior: a lógica reconstruída**. Cadernos de Pesquisa, n1, p.20-49, 1997.

ENQUITA, Mariano Fernández. **Educar em tempos incertos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ESTEVE, J.M. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Porto Alegre, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio: dicionário escolar da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

MATURANA, H.R. **Da biologia à psicologia**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

RIBEIRO, Maria Luíza Santos. **A formação política do professor de 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1984.

SAVIANI, Demerval. **Educação e questão da atualidade**. São Paulo: Livros do Tatu: Cortez: 1991.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 59. ed. São Paulo: GENTE, 2003.

\_\_\_\_\_. **Quem ama educa**. 111<sup>a</sup>. ed. São Paulo: GENTE, 2002.

VASCONCELLOS. Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertd, 1995.

\_\_\_\_\_. **Disciplina – Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertd, 2000.

ZAGURY, Tânia. **Educar sem culpa: A Gênese da Ética**. São Paulo. Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Limites sem trauma**. São Paulo. Record, 2003.